

# Tecendo a Educação Ambiental com fios amazônicos

## Weaving the Education with amazonic yarns

Regina Silva <sup>1</sup>  
Michelle Jaber<sup>2</sup>  
Michèle Sato<sup>3</sup>

### Resumo

No vasto universo amazônico, direcionamos nosso olhar ao povoado de Guariba, localizado no extremo noroeste de Mato Grosso, uma pequena região habitada por uma miscigenação de etnias e grupos sociais. Inscritos no Projeto Biodiesel Guariba, um convênio entre a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e a Eletronorte. Nosso objetivo foi criar oportunidades de responsabilidade ambiental e de empoderamento social comunitário num processo de formação educativa. Inscritos na fenomenologia, neste artigo nosso esforço concentra-se em apresentar a percepção desta comunidade em relação ao processo educativo estabelecidos em seus territórios.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental. Amazônia e Percepção.

### Abstract

In the wide amazonic universe, we direct our attention to the community of Guariba, located in the extreme northeast of Mato Grosso, a small region inhabited by a mixing of ethnicities and social groups. Inscribed in the project “Biodiesel Guariba”, a covenant between “Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)” and “Eletronorte”. Our main target has been creating opportunities of environmental responsibilities and communitary social empowerment inside an educational formation process. Incribed in the phenomology, in this article our effort is centered in presenting the perception of this community related to the educational process established in their territory.

**Keywords:** Environmental Education. Amazon Rain Forest and Perception.

- 
- 1 Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ecologia e Recursos Naturais/ UFSCar. e-mail: <rasbio@gmail.com>. Rua Oriente Tenuta n. 234 Consil / Cuiabá – MT.
  - 2 Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ecologia e Recursos Naturais/ UFSCar. e-mail: <michellejaber@gmail.com>. Rua Oriente Tenuta n. 234 Consil / Cuiabá – MT.
  - 3 Docente e pesquisadora do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso. Endereço Profissional: Avenida Fernando Corrêa da Costa, 2.367. Boa Esperança, Cuiabá, MT, Brasil. e-mail: <michelesato@ufmt.br>.

R. Educ. Públ.	Cuiabá	v. 19	n. 39	p. 115-130	jan./abr. 2010
----------------	--------	-------	-------	------------	----------------

## Tecendo a Educação Ambiental com fios amazônicos

O destino privilegiado de nossa pesquisa é a Amazônia, a maior floresta tropical do mundo, a Amazônia das águas, das lendas, dos mitos, dos povos da floresta, da biodiversidade, da pluriculturalidade, dos saberes e dos sabores, que tem sido intensamente debatida nacional e internacionalmente, devido a sua importância em termos ambientais, culturais, sociais e econômicos. Esse tesouro biosférico não nasceu pronto e acabado, é fruto de um longo processo dinâmico e vivo de evolução natural. Inúmeras projeções indicam que as florestas tropicais, apesar de ocuparem apenas cerca de 7% da superfície do planeta, devem concentrar cerca de 60% do total das espécies de vida nele existentes (PÁDUA, 2002).

Neste vasto universo amazônico, direcionamos nosso olhar ao povoado de Guariba, localizado no extremo noroeste de Mato Grosso, uma pequena região habitada por uma miscigenação de etnias e grupos sociais, principalmente por seringueiros, pequenos agricultores, moradores da vila - povos simples, que vivem em casas de chão batido ou assoalho de paxiúba, onde constroem seu cotidiano em um ambiente de luta e re-existência, tecendo seus preciosos significados e identidades.

Marcada por processos migratórios, a região tem recebido migrantes há muito tempo e de muitos lugares; no início, os seringueiros, vindos do Norte e Nordeste do país. Depois, acorreram pessoas oriundas de Rondônia, Paraná, Rio Grande do Sul, outros estados e outras cidades do Mato Grosso. Terras rurais, terras urbanas, ouro, madeira, emprego, pequenos comércios, fazendas, os mais diversos tipos de serviços e os mais diversos espaços de especulação e aventura. Uns, buscando riquezas, a maioria, um lugar ao sol numa sofrida sobrevivência, na esperança de uma vida melhor. Há um devassamento e uma ocupação altamente conflituosa que se arrasta por mais de 20 anos de história fundiária; refletindo o que vem ocorrendo em todo o território amazônico, que em poucos anos; foi palco do mais gigantesco e permissivo apossamento de terras públicas, um apossamento cartorial escamoteado, que se soma ao apossamento pelo atual esquema de grilagem de terras devolutas (AB'SABER, 1996).

Neste processo conflituoso, os pequenos perdem seus territórios, e a floresta perde seus habitats, dando lugar aos pastos – cemitérios das castanheiras. É comum a visão de árvores no chão, ardendo em chamas, convertendo áreas de florestas densas em pastagens. E em alguns casos, em grandes extensões predominam uma vegetação secundária – a extensiva floresta de embaubais. Demonstrando o grande mito da natureza inesgotável e a visão da vegetação como obstáculo ao desenvolvimento econômico – que deve ser transposto a qualquer custo (DIEGUES, 1996).

A comunidade de Guariba, situada entre a Reserva Extrativista Guariba&Roosevelt (RESEX) e inúmeras madeireiras, enfrenta, nos aspectos sociais e ambientais, desafios de enormes envergaduras. Nosso contato com a comunidade veio através do Projeto Biodiesel Guariba, inscrito no programa “*Luz para todos*”, do governo federal, e se realizou através de um convênio entre a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Uniselva e Eletronorte. O objetivo central do projeto ancorou-se na geração de energia com oleaginosas. No tocante à UFMT, quatro equipes participaram deste importante projeto: Química, Agronomia, Economia e Educação Ambiental. A equipe de educação ambiental compõe o Grupo Pesquisador em Educação Ambiental (GPEA<sup>1</sup>), que tem desenvolvido pesquisas no Pantanal e na Amazônia.

A educação ambiental é um dos componentes dentro do projeto, cuja invenção pedagógica visou criar oportunidades de responsabilidade ambiental e de empoderamento social comunitário, num processo de formação educativa (SATO et al. 2005). Além desse grande objetivo, buscamos: revisitar e registrar a história da comunidade, no reconhecimento local através das histórias e narrativas dos habitantes; articular a formação continuada em educação ambiental nas escolas da localidade; registrar as percepções de qualidade de vida dos moradores de Guariba, com foco na dimensão educativa e ambiental e a compreensão dos impactos ambientais que atingem os seringueiros. Neste universo de possibilidades para reflexão, no presente artigo nosso esforço concentra-se em apresentar a percepção desta comunidade em relação ao processo educativo estabelecidos em seus territórios, aliando a estes olhares significações que possam evidenciar uma educação de qualidade.

## Escolhendo fios à tessitura

Buscando compreender a percepção de alguns moradores sobre o processo educativo em Guariba, entrevistamos 16 pessoas, sendo quatro moradores (as) da vila, seis pequenos (as) agricultores (as) e seis seringueiros (as), dentre estes, cinco mulheres e onze homens, com idade entre 30 a 71 anos. O número de entrevistados (as) não foi determinado *a priori*, tudo dependia das informações obtidas em cada entrevista, assim como da profundidade e do grau de recorrência e divergência destas informações. Aliás, cada entrevista nos oferecia novos dados, novos caminhos e novas pessoas a serem entrevistadas, como nos versos do poeta espanhol António Machado (1983): “Camiñante, no hay camiño, el camiño se hace al camiñar.”

Algumas vezes, não foi no primeiro contato que a entrevista aconteceu, mas os entrevistados sempre se mostraram receptivos e prestativos. Iniciamos a maioria das entrevistas pedindo às pessoas que contassem sua chegada à comunidade, uma

pergunta sempre se apresentou como fio condutor às proposições: Qual a percepção dos moradores de Guariba sobre educação de qualidade? Um roteiro foi elaborado para nos conduzir, porém, para deixar o diálogo fluir ao máximo, os tópicos não foram seguidos rigorosamente, mas introduzidos em momentos apropriados.

O método central foi qualitativo, que tem se feito muito presente nas pesquisas educacionais. A pesquisa qualitativa dá ênfase ao processo e não apenas ao produto final, além de permitir a compreensão do significado do fenômeno em seus contextos (BOGDAN; BIKLEN, 1994). A tática central de nossa pesquisa contou com enfoque na metodologia fenomenológica, com cunho participativo. Esse caminhar fenomenológico, segundo REZENDE (1990), é a opção por um estilo de trabalhar, de pensar, de agir, de discursar e de se posicionar diante dos outros, do mundo, da história e da sociedade. O mesmo autor ressalta que a fenomenologia não ensina uma dialética unidimensional, mas polissêmica, isso, em última análise, representa o rompimento do clássico conceito dicotômico ‘sujeito-objeto’, à validação do diálogo ‘sujeito-sujeito’. Nosso trabalho teve como base as reflexões do filósofo Maurice Merleau-Ponty, pois é, para nós, um dos grandes teóricos sobre fenomenologia:

Tudo o que sei do mundo, mesmo por ciência, o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se quisermos pensar na própria ciência com rigor, apreciar exatamente o seu sentido e seu alcance, convém despertarmos primeiramente esta experiência do mundo da qual ela é expressão segunda. [...] Retornar às coisas mesmas é retornar a este mundo anterior ao conhecimento do qual o conhecimento sempre fala, e em relação ao qual toda determinação científica é abstrata, significativa e dependente, como a geografia em relação à paisagem - primeiramente nos aprendemos o que é uma floresta, um prado, ou um riacho. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 3-4).

Muitos olhares emanam no cotidiano de cada lugar, de cada tribo, de cada pessoa. Muitas veredas, muitas formas de ver o mundo e a vida. Pontos de vista. Pontos de vida. Olhares de seringueiros. Olhares de pequenos agricultores. Olhares de professores. Olhares de comerciantes da vila. Olhares de distintos atores sociais envolvidos – com papéis diferentes – em um mesmo cenário. A fenomenologia nos traz essa realidade polissêmica com ênfase no “mundo cotidiano”. Cada lugar, cada sujeito, percebe diferentemente o outro e a vida a sua volta (eu-outro-mundo) (MERLEAU-PONTY, 1971; 1999).

Refletir sobre a situação da educação em Guariba, nos remete aos ideários de Paulo Freire. Como um plantador do futuro, Freire sempre será lembrado por pessoas que buscam o compromisso de levar adiante uma educação com uma nova qualidade para todos e todas:

Essa nova qualidade não será medida pela quantidade absorvida de conteúdos técnico-científicos apenas, mas, pela produção de um tipo novo de conhecimento, “molhado de existência” e de história, um conhecimento que deve ser, acima de tudo, uma ferramenta de mudança das condições de vida daqueles que não têm acesso à existência plena. (GADOTTI, 1997, p. 9).

“Não entendemos a educação como uma panacéia capaz de solucionar todos os problemas sociais, mas, também, consideramos não ser possível pensar e exercitar a mudança social sem integrar a dimensão educacional.” (LIMA, 1999, p. 136). Sabemos que são muitos os limites e desafios a serem vencidos, mas, há também muitas potencialidades e possibilidades, sobretudo quando nos abrimos para a escuta de muitas vozes, que trazem muitas significações do que evidencia uma educação de qualidade.

Uma discussão sobre o sentido da educação tem se feito necessária. O neoliberalismo, com sua política de mercantilização da educação, tem levado a escola cada vez mais a se organizar sobre uma lógica de mercado e de competição, onde se conta, hegemonicamente, a história dos vencedores, imposta como lógica única aos demais. Cada vez mais, a educação torna-se um produto de compra e venda, como qualquer outro; alunos e pais se tornam “clientes”, o ensino se torna “pacote” e as escolas são vistas como “empresas”. O capitalismo é tido como o sentido maior da vida humana, ao qual se deve submeter o indivíduo, “tudo o mais em nós, [...] que não é atraente para o mercado é reprimido de maneira drástica, ou se deteriora por falta de uso, ou nunca tem uma chance real de se manifestar.” (BERMAN, 1986, p. 110).

Diante disso, qual educação desejamos? Uma educação dirigida ao indivíduo, ou uma educação dirigida ao cidadão? Uma educação para a instrução do produtor-consumidor, destinado ao mercado de bens e regido pelo poder do capital financeiro? Ou uma educação para a formação do criador-cidadão participante e solidário na construção de um mundo melhor, guiado pelo desejo do diálogo, da partilha e da solidariedade? (BRANDÃO, 2005). A educação poderá ser avaliada apenas pelas taxas de alfabetização e matrícula? O que evidencia uma boa educação? Alguns caminhos, direções e possibilidades foram apontadas pelos moradores de Guariba, apresentados a seguir.

## Tecendo Fios: desejos e sonhos de uma educação com qualidade

### Contextualizando cenários

Em Guariba há apenas escolas da rede municipal de ensino, sendo a mais estruturada a que se localiza na vila, Escola Bom Jesus II, inaugurada no ano de 2004. Em 2005, esta escola ofereceu pré-escola, ensino fundamental e apenas uma sala do 1º ano do ensino médio, atendendo cerca de 330 alunos.

Há também, cinco escolas rurais com ensino multisseriado, até a 4ª série, contando com apenas um único funcionário: o professor. Falar sobre a educação em Guariba é reviver o mestre Paulo Freire, quando dizia que muitas vezes no processo educativo o chão é o quadro negro e o graveto o pedaço de giz (FREIRE, 1981).

A formação dos professores está muito aquém do desejado, esta se refere tanto na formação inicial, uma vez que são poucos com nível universitário, quanto na formação continuada. Ao participar do momento cívico da escola em comemoração ao Dia da Bandeira, levamos um choque ao perceber as disparidades das filas: no período matutino, enquanto na 1ª série tínhamos 50 alunos, na 4ª tínhamos 21; no período vespertino, enquanto tínhamos 61 na 5ª série, na 8ª tínhamos apenas 10 alunos. A evasão escolar no período noturno é surpreendente, de 51 matriculados neste ano, apenas 17 alunos estão frequentando a escola. De acordo com os entrevistados, os principais motivos para evasão escolar são a falta de transporte escolar, merenda e o trabalho infantil (Tabela 01).

**Tabela 01: Evasão escolar em Guariba em 2004**

Evasão escolar em 2004 na Escola Bom Jesus II, de 335 matriculados temos:		
220 frequentando 66%	84 desistentes 25%	31 transferidos 09%
Evasão escolar no turno noturno em 2004 na Escola Bom Jesus II, de 51 matriculados temos:		
17 frequentando 34%	32 desistentes 64%	01 transferidos 02%

É comum a ausência dos alunos em épocas de plantio e colheitas, em regiões como Guariba, com características rurais, o que torna necessária uma reorientação ao sistema de ensino, que incorpore elementos da realidade local; como exemplo, uma das iniciativas deveria ser a ousadia de um calendário readaptado à dinâmica agrícola da comunidade.

Uma pauta extensa sobre o fracasso da escola poderia ceder espaços neste território. Contudo, registramos apenas a práxis de tantas teorias elaboradas e, somamos com eles, nossos desejos de inclusão social para uma educação de qualidade. Almada (2000) enfatiza que nossa rede de ensino peca mais pela qualidade da educação que oferece do que por qualquer outra falha. Como os moradores de Guariba vêem esta educação? O que suas narrativas evidenciam em educação de qualidade?

Essa qualidade está totalmente relacionada com a formação de professores, as condições físicas da escola e condições de vida dos alunos. No entanto, ela deve ir além, é preciso que a escola repense seu papel na sociedade, seus caminhos e diretrizes educacionais, para além de se preocupar com a caligrafia do aluno, recuperando o papel que lhe cabe na vida dos educandos, como propulsora para o diálogo na formação de valores e valorização de saberes.

A formação de professores foi uma das questões mais abordadas durante as entrevistas. A seguir, apresentaremos e discutiremos as respostas dos entrevistados frente às questões levantadas para uma educação de qualidade.

#### a) Cores formativas e pedagógicas

- Falta formação básica para os professores, é preciso investir nisso, isso é base de tudo. (CA, morador da vila, 45 anos)<sup>2</sup>;
- Quem tira pó das serrarias ganha mais que um professor, é preciso rever isso pra ter uma boa educação. (MA, moradora da vila, 40 anos);
- Tem que melhorar a escola, tem escola com telhado podre, no Roosevelt tem uma turma que funciona na igreja. E a escola, tá sem merenda a mais de um ano. (AD, morador da vila, 30 anos);
- Tem criança que chega na escola com fome, e quase sempre não tem merenda; aí você vê eles correndo por aqui procurando goiaba, manga, o que tiver eles comem. (OS, seringueiro, 70 anos);
- O ônibus só começa a funcionar depois das chuvas, aí já é meio do ano, não tem mais jeito de estudar. (JA, pequena agricultora, 50 anos);
- Tem quer ter *material* pra gente trabalhar, tem criança que não tem nem caderno. (AD, morador da vila, 30 anos);
- É difícil ensinar com o livro didático, é muito distante da realidade das crianças seringueiras. (SS, seringueira, 35 anos).

Movidos pelo desejo de uma melhor formação, alguns professores estão fazendo os cursos de graduação pelo Núcleo de Educação Aberta a Distância (NEAD), da UFMT, porém, nos desabafam a dificuldade de terem que passar três dias ao mês em Colniza, a 150 quilômetros dali, e, a cada semestre, terem que ir até Juína (450 quilômetros), para fazer a avaliação. Nos cursos de formação, todos e todas revelaram uma grande avidez em participar. Demonstraram, também, o desejo de divulgar suas descobertas, que prosseguiram realizando atividades e se envolvendo na construção dos Projetos ambientais escolares comunitários (PAEC). O processo de formação está intimamente interligado ao aumento da auto-estima do educador. Não podemos negligenciar a importância de essa formação ser idealizada de forma continuada, o que poderia eliminar certas mazelas educativas com mais coerência nas políticas educacionais em todo Brasil.

As escolas rurais em Guariba são feitas com madeira, tem bancos rústicos, o ensino multisseriado é ministrado por um único professor com formação deficiente. Energia, só na promessa das placas solares que não funcionam. Algumas crianças percorrem diariamente longos trechos até chegar à escola; os alunos de uma mesma família, que frequentam a escola do rio Roosevelt, têm que remar duas horas, contra a corrente do rio, e depois andar mais três quilômetros pela mata. Alguns trazem cadernos que não têm nenhuma folha em branco para anotar. Às vezes, chegam com fome e nem sempre têm merenda para saciá-la. É impossível refletir sobre as condições dessas escolas, sem falar em políticas públicas efetivas. Por que tanta omissão dos governos? Infraestrutura, merenda e transporte escolar são condições básicas para um ensino de qualidade.

Outra abordagem nas entrevistas nos destinam a uma reflexão sobre o material didático. Em Guariba, o material mais utilizado pelos professores é, mais uma vez, o tradicional livro didático. Mazzoti (2000) nos mostra que a inserção deste método é datada por volta de 1640, citando a obra de João Amós Comênio (*Didática Magna* - Tratado da arte universal de ensinar tudo a todos), que propõe que os alunos fossem reunidos em classes segundo a idade, com um único livro e com um único professor. Então, este livro seria partitura posta sobre os olhos do professor, que executaria a 'música' sem precisar compor, um livro onde não apenas os conteúdos estão impressos, mas também a metodologia, ou seja, a forma como o professor vai trabalhar esses conteúdos. O que possibilitaria uma educação a todos e todas e garantiria a unidade de ensino, além de simplificar a vida do professor e do aluno. Desta forma, foi estabelecido este método que tem atravessado séculos e que, se por um lado, em parte tem auxiliado o ensino, paradoxalmente, constatamos, com pesar, que o livro didático tem tolhido um ensino mais criativo, mais dinâmico, mais interativo, político e regionalizado.



Nas escolas de Guariba, ao folhearmos um livro de Educação Moral e Cívica, que estava sobre a mesa de um professor, encontramos frases que apreçoam o pensamento desenvolvimentista e positivista da época em que o livro foi escrito: “tanto rasgar rodovias mata adentro, quando estudar, é trabalhar, é construir o Brasil” e “Para ser feliz o homem precisa possuir coisas” (CORREA, 1973, p. 56). Será que este é um material adequado ao ensino? Por certo, não. É preciso ter um olhar mais crítico na escolha do material que se irá trabalhar, não se engendrando nessas ideologias políticas, anúncios preconceituosos ou tendenciosos que alguns livros didáticos trazem.

“Os materiais didáticos, com especial ênfase nos livros didáticos, tornaram-se preocupação educacional após a II Guerra Mundial, quando os grupos pacifistas iniciaram um movimento contra as ideologias militares contidas nestes materiais.” (SATO, 1992, p. 35). A pesquisa de Sato (1992) nos mostra que o uso do livro didático ainda é marcante, seja em países industrializados, ou não. Esse material pode representar um excelente auxílio aos educadores, porém não se bastam em si. É preciso buscar novas fontes, um grande desafio à escola, que é a construção de materiais pedagógicos regionalizados, que poderiam ressaltar dados da história e do modo de vida do lugar e da região. Não há receitas prontas, vale o envolvimento e a criatividade.

#### b) Cores curriculares e comunitárias

- Uma boa educação é quando temos o apoio e envolvimento da comunidade. (SS, seringueira, 35 anos);
- A educação de qualidade é quando a comunidade participa, está engajada na escola. (CA, morador da vila, 45 anos);
- Uma boa educação tem que falar da cultura do povo seringueiro, falar da vida da gente. (SS, seringueira, 35 anos).

Outra questão desafiadora em Guariba, é que, mesmo a escola não tendo muros físicos, é perceptível o distanciamento que há entre a escola e a comunidade. Ao contrário de dados levantados em outras pesquisas em comunidades biorregionais, em Guariba a escola não é vista como centro da comunidade. A maioria dos alunos nem ao menos, conhece a Reserva Extrativista Guariba Roosevelt, que lhes cerca.

Ao se afirmar a necessidade de educar o sujeito, tomado no seu mais amplo sentido, é preciso estimular também seu contato sensível com a realidade na qual se insere; levá-lo a descobrir e a valorizar conhecimentos presentes na cultura onde vive e a redescobrir saberes que, se esquecidos, tendem ao desaparecimento.

A interação dos alunos com a RESEX, poderia estimular a educação do olhar, do ouvir, do degustar, do cheirar e do tatear, estimulando a sensibilidade às maravilhas do mundo ao redor, constituídas por flores, vales, montanhas, rios, cantos de pássaros, árvores etc. Caminhadas pedagógicas, por exemplo, poderiam ser uma prática de redescobrir valores, aspectos ecológicos e culturais da vida que os rodeia. Abordando temas variados, estas cirandas interpretativas poderiam trabalhar a responsabilidade individual e coletiva de cuidado com o outro e com lugar onde vivem. Esses espaços tornar-se-iam “espaços educadores” (MATAREZI, 2005).

Lamentavelmente, quase não há interação, a comunidade pouco participa, pouco sabe o que acontece na escola; não é prática buscar na comunidade o conteúdo a ser trabalhado, problematizar a realidade socioambiental para contextualizar o processo educativo, inserindo-o em um movimento mais amplo de intervenção na realidade local de sua comunidade. Os conteúdos trabalhados em sala de aula são, muitas vezes, “retalhos da realidade, desconectados da totalidade em que se engendram” (FREIRE, 1987, p. 57), é necessário o fortalecimento da relação comunidade/escola, transpondo a dicotomia entre a vida escolar e a vida comunitária. A EDUCAÇÃO AMBIENTAL é uma forte aliada nesse processo, como exemplo, a construção dos PAEC pode ser um dos modos de a escola estar mais ciente, envolvida e engajada nas lutas da comunidade, fortalecendo a relação construtiva entre a escola e a comunidade.

### c) Cores do sentido

- A educação de qualidade passa coisas boas para os alunos, fala da vida, do afeto, do carinho e da solidariedade. (JA, pequena agricultora, 50 anos).
- Acho que o aluno tem que gostar, tem que sentir prazer na educação, aí sim vai valer a pena. (SS, seringueira, 35 anos).
- O afeto, o carinho, o amor isso faz parte de uma boa educação. (DH, moradora da vila, 48 anos).

Na esteira da regressão de nossas sensibilidades, operada pela sociedade industrial e capitalista, é importante verificar quão embrutecidos possam estar os sentidos humanos. Será que não nos esquecemos dos perfumes e cheiros da natureza? Das caminhadas e trilhas nos bosques? Das paisagens e noites enluaradas? Das frutas colhidas e saboreadas embaixo do pé? Enfim, de tudo que a vida moderna tem nos afastado. Desenvolver e refinar os sentidos, eis a tarefa, tanto mais urgente quanto mais o mundo contemporâneo parece mergulhar numa crise sem precedentes na história da humanidade. A educação necessita de uma reaproximação com a dimensão sensível (DUARTE JÚNIOR, 2000).

Mas o prazer do sabor é, sobretudo, o prazer de se saber, de saber o mundo e a si mesmo. Revela-se como o fruir das qualidades, antes do pensar das quantidades. O saber mostra-se, primordialmente, num ato prazeroso e, como tal, encarado com suspeição por todo aquele que pensa a educação como uma atividade estóica, dura, áspera, cinzenta e desprazerosa. “O dever antes do prazer”, reza antigo preceito, na certeza de que o dever (de aprender) há de ser incompatível com qualquer fruição prazerosa (DUARTE JÚNIOR, 2000):

Entregando-se à aventura dessa escola séria, rigorosa, alegre, jamais prescindia do ato sério de estudar, que jamais confundia essa alegria com a alegria fácil do não-fazer, que ela prova que a escola tradicional pecou aí, também, não é preciso enrijecer as mesas mais do que a madeira já as faz endurecidas; não é preciso endurecer o porte das crianças, não é preciso pôr o colarinho e gravata na criança para que ela imbuída de um certo sofrimento, que é o sofrimento do saber, possa aprender. [...] Saber é um processo difícil, realmente, mas é preciso que a criança perceba que, por ser difícil, o próprio processo de estudar se torna bonito. [...] O importante é que a criança perceba que o ato de estudar é difícil, é exigente, mas é gostoso desde o começo. (FREIRE, 1995, p. 94).

É tempo de reencantar a educação, de redescobrir a emoção e o prazer de ensinar e aprender, como ingrediente fundador da própria racionalidade e como pressuposto de uma pedagogia emancipatória, pois a educação é, antes de tudo, “um ato de amor” (FREIRE, 1981, p.96).

#### d) Cores de uma educação freireana

- Uma boa educação é para ser útil em todos os momentos da vida, formar um cidadão do bem, transformar a vida. (CA, morador da vila, 45 anos);
- Tem que ser uma educação completa, em casa, fora de casa; para que possa mudar a sociedade. (DH, moradora da vila, 48 anos);
- Educação, pra que? Se não falar da vida da gente? (OS, seringueiro, 70 anos).

Diante de uma era marcada pelas desigualdades sociais e conflitos ambientais, torna-se imperativo considerar que é necessário promover novas mudanças nas vivências escolares e no sentido da educação. Freire (1996) lamenta a posição de

quem perdeu o rumo na história, a quem o futuro é um dado impregnado pela ideologia fatalista que anima o discurso neoliberal, que insiste em nos convencer que nada podemos fazer contra a realidade social, que passa a ser ou a virar quase natural. Frases como “a realidade é assim mesmo, que podemos fazer?” ou “o desemprego no mundo é uma fatalidade do fim do século”, expressam bem a ideologia fatalista que anima o opacizante discurso neoliberal:

Uma das primordiais tarefas da pedagogia crítica radical libertadora é trabalhar contra a força da ideologia fatalista dominante, que estimula a imobilidade dos oprimidos e sua acomodação à realidade injusta, necessária ao movimento de dominadores. É defender uma prática docente em que o ensino rigoroso dos conteúdos jamais se faça de forma fria, mecânica e mentirosamente neutra. (FREIRE, 2000, p. 43).

Se em nossas propostas de educação, estamos restritos ao fornecimento de informações pontuais e técnicas sobre determinado problema, estamos deixando de educar para o empoderamento e para emancipação. Nossas ações precisam se voltar para um pensar muito mais complexo, de maneira que motivemos os diálogos sobre as questões que representam efetivamente a gênese desses problemas pontuais, de forma em que as comunidades se percebam como parte das relações de poder, portanto com direito a também exercê-lo.

A pedagogia crítica evidencia a necessidade de romper com a pedagogia tradicional, que contempla a escola como um simples local de transmitir conhecimento, negando todo seu caráter transformador e emancipatório (LIMA, 2005). Na escola deve existir o diálogo, a troca de conhecimentos, eliminando a idéia do saber centralizado na figura do professor. A educação que se volta para a mudança precisa, portanto, ser uma educação que desperte o conhecimento sobre as malhas do poder e como ele é exercido (FOUCAULT, 1996). Uma comunidade que sabe os condicionantes a que está submetida, que consegue refletir sobre as relações entre os mecanismos de exercício de poder e seus efeitos na qualidade ambiental e de vida, estará preparada para associar-se na busca de soluções, de controle social e de sonhos coletivos.

Os projetos pedagógicos, em uma perspectiva freireana, são oportunidades de se criar um movimento no cotidiano escolar de inserção crítica dos educandos, assim como dos educadores, em que:

[...] quanto mais problematizam os educandos, como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados. Tão mais desafiados, quanto mais obrigados a responder ao desafio. Desafiados, compreendem o desafio na própria ação de captá-lo. Mas, precisamente porque captam o desafio como

um problema em suas conexões com os outros, num plano de totalidade e não como algo petrificado, a compreensão resultante tende a tornar-se crescentemente crítica, por isto, cada vez mais desalienada. (FREIRE, 1987, p. 70).

É preciso vencer essa ideologia fatalista que “propala a morte do sonho e da utopia, que ameaça a vida da esperança, e termina por despolitizar a prática educativa.” (FREIRE, 2000, p. 123). Portanto, a educação é um dos caminhos para o engajamento do sujeito na luta política ao lado dos oprimidos. Assim, teríamos um educador-educando comprometido com a realidade social e com visão crítica dessa realidade, esse ser, agora, teria um papel na re-construção de um mundo melhor e mais justo, onde cada pessoa possa viver com mais dignidade.

Em lugar da imobilização, temos a convicção de que educação crítica, emancipatória e transformadora poderá auxiliar na reversão de nossa posição de colonizados passivos. Devemos propor a reflexão e o envolvimento. Devemos formar em nossas escolas sujeitos críticos e politizados, capazes de lutar na superação da realidade injusta, que questionem as necessidades midiáticas de consumo do capital; enfim, uma educação que nos remeta a uma mudança de atitude e desvele outras possibilidades de vida e de felicidade. Não podemos deixar de integrar, na educação formal e na aprendizagem ao longo da vida, os conhecimentos, valores e atitudes necessárias para um modo de vida verdadeiramente sustentável.

É esse talvez o tamanho da tarefa que desafia aqueles que não se conformam com o mundo, que testemunham e insistem em afirmar a possibilidade de uma educação ambiental emancipatória, que compartilhe desse inconformismo e da aspiração de “reinventar o mundo” a partir da desconstrução e da reconstrução do presente (LIMA, 2004).

Buscamos com nossa pesquisa, reflexões à luz do olhar dos habitantes de Guariba sobre educação, percepções de uma comunidade simples, que sofre as consequências de um falido modelo de vida adotado pela sociedade capitalista. Nestes saberes, que emanam de Guariba, nesta peculiaridade de com-viver com as florestas, é que ancoramos nossas esperanças de uma vida justa.

---

1 [www.ufmt.br/gpea](http://www.ufmt.br/gpea) - O GPEA é certificado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela Pró-Reitoria de Pesquisa da UFMT, sua principal meta é fomentar a pesquisa para o fortalecimento da EA no Brasil.

2 As citações em itálico foram extraídas de entrevistas realizadas em pesquisas de campo nos anos de 2004 e 2005. As indicações ao final, entre parênteses, trazem dados do(a) entrevistado(a): iniciais do nome, grupo social (que já caracteriza a questão de gênero) e idade aproximada. As possíveis correções gramaticais foram evitadas para preservar o sujeito na perspectiva da inclusão social, assim, como foram mantidas as palavras que demonstram o regionalismo, pois fazem parte da riqueza etnográfica destes povos.

## Referências

- AB´SABER, Aziz Nacib. **A Amazônia: do discurso à práxis**. São Paulo: EdUSP, 1996.
- ALMADA, Sandra. A educação para o terceiro milênio. In: COVEZZI, Marinete. **Sociologia da educação**. 2. ed. Cuiabá: EdUFMT, 2000. p. 65-70 (Fascículo 03).
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto Editora, 1994. (Coleção Ciências da Educação).
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A canção das sete cores: educando para a paz**. São Paulo: Contexto, 2005.
- CORREA, Avelino Antônio. **Estudo dirigido e educação moral e cívica**. São Paulo: Ática, 1973.
- DIEGUES, Antônio Carlos. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O Sentido dos Sentidos: a Educação (do) Sensível**. São Paulo: UNICAMP, 2000. 234 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2000.
- DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, p. 139-154, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1995.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

GADOTTI, Moacir. Lições de Freire. **Revista da Faculdade de Educação**. São Paulo, v. 23, n.1-2, jan.dez, 1997.

IANNI, Otávio. A Metáfora da Viagem. **Revista de Cultura Vozes**, nº 2, março/abril, 1996.

LEROY, Jean-Pierre. Cidadania, sustentabilidade e dignidade: conceitos em busca de indicadores. In: PACHECO, Tânia (Org.). **Seminário Linha de Dignidade: construindo a sustentabilidade e a cidadania**. Rio de Janeiro: FASE/BSD/Programa Cone Sul Sustentável, 2005. p. 11-36 (mesa-redonda).

LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. “Questão ambiental e educação: contribuições para o debate”. **Ambiente e Sociedade**, NEPAM/UNICAMP, Campinas, ano II, n. 5, p. 135-153, 1999.

LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. “Crise ambiental, educação e cidadania: os desafios da sustentabilidade emancipatória”. In: LOUREIRO, Carlos Frederico; LAYRARGUES, Philippe Pomier; CASTRO, Ronaldo Souza (Orgs.). **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002.

LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. Educação, emancipação e sustentabilidade: em defesa de uma pedagogia libertadora para a educação ambiental. In: LAYRARGUES, Philippe Pomier (Org.). **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. p. 85-111.

LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. **Formação e dinâmica do campo da educação ambiental no Brasil: emergência, identidades, desafios**. Campinas: UNICAMP, 2005. 207 p. – Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2005.

MACHADO, António. **Poesias**. Buenos Aires: Losada, 1983.

MATAREZI, José. Estruturas e espaços educadores: quando espaços e estruturas se tornam educadores. In: FERRARO, Luiz (Org.) **Encontros e caminhos - Formação de educadores (as) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: Diretoria de Educação Ambiental, MMA, 2005, p. 35-46.

MAZZOTI, Marlene A. Manual de ensino: a partitura tocada pelo professor. In COVEZZI, Marinete. **Sociologia da educação**. 2. ed. Cuiabá: EdUFMT, 2000, p. 53-56 (Fascículo 3).

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed Tradução Carlos Alberto de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PÁDUA, José Augusto. Produção, consumo e sustentabilidade: o Brasil e o contexto planetário. **Cadernos de Debate Brasil Sustentável e Democrático**, n. 6, Rio de Janeiro: FASE, 2002a. p. 1-59.

REZENDE, Antonio. **Concepções fenomenológicas em educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

SATO, Michèle. **How the environment is written: a study of utilisation of textbooks in environmental education in Brazil and England**. Norwich: 1992, 245p. M.Phil. Thesis, School of Environmental Sciences, University of East Anglia.

SATO, Michèle. et al. **À margem da história amazônica**. Cuiabá: UFMT, 2005. Relatório de Pesquisa [mimeo].

Recebimento em: 21/05/2009.

Accite em: 14/07/2009.